

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Así hablamos los chilenos: uma aproximação discursiva
ao Dicionario de uso del español de Chile

Juliana da Silveira Oliveira

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Así hablamos los chilenos: uma aproximação discursiva **ao**
Diccionario de uso del español de Chile

Juliana da Silveira Oliveira

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao
Departamento de Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. María Teresa Celada

São Paulo

2011

Banca Examinadora

Profa. Dra. María Teresa Celada
(orientadora)

Profa. Dra. Neide Maia González (USP)

Prof. Dr. José Horta Nunes (UNESP/UNICMAP)

Sumário

1. Sobre nosso percurso – a modo de introdução	5
2. Nosso objeto de estudo.....	6
3. Dispositivo analítico.....	9
4. Análise do Prólogo do Diccionario de uso del español de Chile.....	11
5. Uma aproximação à nomenclatura do DUECh: o caso de “vos”.....	21
6. Considerações finais.....	26
Referências bibliográficas.....	28
Anexos.....	29

1. Sobre nosso percurso – a modo de introdução

O trabalho que apresentamos nestas páginas representa o fim de uma jornada iniciada em 2010. Naquele ano, por meio de um programa de intercâmbio oferecido pela Universidade de São Paulo, tivemos a oportunidade de cursar um semestre letivo na Universidad de Santiago de Chile (USACH), na capital chilena. Este intercâmbio nos ofereceu a oportunidade de vivenciar a língua espanhola em um contexto até então inédito para nós e abriu nossos horizontes para a possibilidade de vincular parte desta experiência a uma iniciação na pesquisa acadêmica.

Entretanto, o que estudaríamos? Quando estamos imersos em uma realidade totalmente nova o deslumbramento, com frequência, nos faz perder a capacidade de focalizar. Interessavam-nos, sobretudo, as questões linguísticas que nitidamente se vinculavam a aquele falar “chileno” que escutávamos nas ruas e que sabíamos que guardava em si traços de uma singularidade, que naquele momento pensávamos como traços de uma identidade. O primeiro tema de nosso interesse foi o “voseo chileno”. Para pesquisar sobre o assunto consultamos a professora María Teresa Celada (USP) – orientadora deste TGI – e os professores Víctor Martínez Álvarez e Helmut Steil Veloz (USACH), que nos abriram caminho para o estudo do tema. No entanto, embora tivéssemos encontrado bibliografia sobre o tema e, mesmo com uma curta vivência naquele espaço, estivéssemos diante de dados que nos permitissem esboçar algumas hipóteses, não tivemos meios para delimitar um corpus capaz de dar sustento a uma pesquisa. Nesse momento pudemos contar novamente com o apoio da professora Celada, quem nos auxiliou principalmente a recortar um objeto que se encaixasse em nossos interesses, a nos colocar uma questão – que envolvia nossos primeiros estudos sobre o “voseo chileno” – e a delimitar um corpus. Dessa forma chegamos ao *Diccionario de uso del español de Chile* (DUECh). Nossa primeira aproximação ao estudo do “voseo chileno” incidiu de forma fundamental em nosso olhar para este dicionário, sobretudo na delimitação do verbete “vos” como recorte da nomenclatura¹ do DUECh que analisaremos.

Ao voltarmos nosso olhar para o dicionário como objeto de estudo partimos de uma definição do lexicógrafo mexicano Luis Fernando Lara que o considera “un catálogo de la lengua socialmente inteligible, una norma de lo que puede ser dicho en el seno de una sociedad, y un reflejo de la propia lengua” (LARA, 1992, p.20). Embora essa definição num primeiro momento tenha sido aclaradora, vemos que está perpassada por algumas noções que não são problematizadas por este autor. De nossa perspectiva, vinculada à Análise do Discurso de linha francesa e ao trabalho específico de transferência conceitual realizado pelo professor José Horta Nunes (UNESP/UNICAMP) para abordar o estudo de dicionários, consideramos que estes não são um

¹ Entende-se por “nomenclatura” o conjunto das palavras-entradas de um dicionário (NUNES, 2006, p. 35).

“reflexo da língua”, mas sim que registram uma memória do dizer seja para registrá-la, legitimá-la, padronizá-la ou instituí-la como norma. Por isso, os dicionários são “instrumentos linguísticos”, de acordo com a formulação de Aurox (1992, p.69)². Ora, esse registro do dizer é sempre marcado pelas posições do sujeito lexicógrafo que podem ser detectadas na “nomenclatura” (que é sempre um recorte), nas “definições” que fazem parte dos verbetes e nos “exemplos” que os integram. Esse conjunto de observações nos permite afirmar que encaramos o dicionário como um objeto discursivo e que, portanto, está inscrito na história, interpela os leitores de uma sociedade e, necessariamente, se vincula a determinadas posições atravessadas pela ideologia.

Portanto, em um dicionário podemos encontrar uma *representação* “de uma determinada língua”, ou melhor, de um recorte de língua – presente, mas transformado (PÊCHEUX, [1969] 2010, p.81) – sempre marcada historicamente. A análise que desenvolvemos inicia um caminho que busca compreender como através do discurso se constrói em um dicionário uma imagem do que é a língua que nele é representada, do que é um dicionário, dos destinatários desta obra e do sujeito que a produz e, por isso, nos vinculamos neste estudo – como acabamos de adiantar – à Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD).³

Nas próximas páginas apresentaremos nosso trabalho dividido em cinco partes: na seção 2, apresentamos nosso objeto de estudo; no item 3, faremos uma breve apresentação de nosso dispositivo analítico; posteriormente, analisaremos o prólogo do DUECh (ANEXO I), focalizando as condições de produção deste dicionário; na sequência, apresentaremos a análise de nosso recorte da nomenclatura do DUECh; e, por fim, faremos nossas considerações finais e disporemos nossas referências bibliográficas e dois anexos.

2. Nosso objeto de estudo

O *Diccionario de uso del español de Chile* (DUECh) foi publicado em agosto de 2010 como obra corporativa pela “Academia Chilena de la Lengua”, em parceria com a editora MN, instituição privada⁴, e com o “Consejo Nacional de la Cultura y las Artes”, órgão do governo chileno. Sua publicação fez parte das comemorações do bicentenário da independência do Chile, celebrado

² “A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural, é preciso concebê-la também como um instrumento linguístico: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-a, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor”. Acerca do dicionário o autor observa que este seria o suporte de uma grande quantidade de palavras que “prolonga” a competência de, do mesmo modo que uma gramática, também implica, acrescentamos nós, conhecimentos teóricos específicos. Assim, ambos têm um impacto sobre a língua, sobre sua representação e seu *espaço de enunciação* (GUIMARÃES, 2002). Uma transferência conceitual destas noções de Aurox pode ser encontrada em Diniz (2008).

³ No decorrer de nossa análise, teremos que mobilizar alguns conceitos do campo da lexicografia, porém sempre a partir da perspectiva crítica que nos abre a Análise do Discurso. Tais conceitos serão devidamente definidos quando incorporados a nossa análise.

⁴Dado obtido através da consulta à página virtual desta editora (www.mneditorial.cl), em agosto de 2010, sem acesso no momento da escrita deste trabalho.

naquele ano. Para a produção desta obra foi designada uma equipe formada por uma comissão lexicográfica composta por sete membros da Academia Chilena de la Lengua, uma equipe de redatores, com dois membros e uma equipe de colaboradores com outros sete membros. Todo o projeto foi dirigido por Alfredo Matus Olivier, quem também é diretor da Academia Chilena de la Lengua e assina o prólogo deste dicionário.

Trata-se de um dicionário monolíngue e que se designa como “dicionário de uso” em seu título e o reafirma no prólogo, explicitando que "incluye unidades léxicas vigentes en el español actual de Chile" (DUECh, p. 7). Para tanto o lastro temporal que abrange, de acordo com seu prólogo, vai dos anos 50 do século XX ao ano de sua publicação. Além disso, o DUECh também se designa em seu prólogo como “diccionario diferencial”. Segundo Souto & Pascual (2003, p. 67), pesquisadores do campo da lexicografia, “dicionários diferenciais” são aqueles que, com base em um método contrastivo, registram apenas as unidades léxicas que singularizam a língua – ou o dialeto – pertencente a uma região em relação ao total dessa língua. Esta designação, segundo os autores se contrapõe diretamente a de “dicionários integrais”⁵. No caso do DUECh, são registradas apenas as palavras e locuções consideradas como pertencentes ao espanhol falado e escrito no Chile.

O DUECh está dividido em cinco partes intituladas *Prólogo* (p. 5-10), *Instrucciones de Uso* (p.11-27), *Marcas abreviaturas y símbolos utilizados* (p.28-30), *Diccionario de uso del español de Chile* (p.31-942), que corresponde à nomenclatura e, por fim, *Fuentes de los ejemplos* (p.943- 965). Neste trabalho não analisaremos as instruções de uso do DUECh e nos centraremos apenas em algumas marcas e abreviações, porém nesta breve apresentação destacamos algumas características gerais do dicionário explicadas nestas duas seções, procurando uma descrição da estrutura desta obra que a torne mais familiar ao leitor.

Nesse sentido, no item *Instrucciones de uso* diversas características do DUECh, explicadas minuciosamente para que a consulta a esse dicionário seja feita de modo simples e proveitoso. Dessas instruções destacamos a estrutura das entradas deste dicionário, apresentada no quadro "Estructura de las entradas del diccionario" (DUECh, p.15). Segundo consta neste quadro, cada uma das entradas do DUECh, pode estar dividida em 16 seções, a saber, “Lema”, “Procedencia”, “Marca gramatical”, “Marca de valoración social”, “Indicaciones de uso”, “Definición”, “Marca geográfica”, “Marca de estrato social”, “Marca de estilo o registro”, “Marca de intención”, “Marca cronológica”, “Marca de frecuencia”, “Observaciones”, “Ejemplo”, “Variantes”, “Expresiones”. Neste item cada uma dessas seções é explicada e exemplificada com um verbete extraído do corpo

⁵ As noções de dicionário integral e dicionário diferencial formam um binômio importante no campo da lexicografia em espanhol que mencionaremos mais adiante.

do dicionário.

Já no que se refere às *Marcas abreviaturas y símbolos utilizados* destacamos as designadas pelo dicionário como marcas *de estilo ou registro, estrato social e intenção*, pois consideramos que designam especificações do uso das palavras, caracterizando o falante e a situação de uso. Isso nos permite atentar para o destaque que o DUECh apresenta ao que nós consideramos “situações de enunciação” ou “contextos de interlocução”, no sentido de que não apenas registra uma palavra, mas a cerca de diversas marcas que delimitam seu uso em uma situação “real”, termo este crucial na imagem que o dicionário projeta de si mesmo. Neste trabalho não analisaremos as definições de cada marca, porém algumas delas serão produtivas para a análise de nossa seleção da nomenclatura e neste momento serão mobilizadas de maneira específica.

Além das particularidades já mencionadas, é importante nesta apresentação destacar algumas características do DUECh como obra produzida pela Academia Chilena de la Lengua. Esta Academia foi fundada em 1885 e constava de 18 membros nomeados pela Real Academia Española, é a sexta academia correspondente a Real Academia Española (RAE) a ser fundada na América Hispânica e desde suas origens esteve muito vinculada à RAE, numa relação de colaboração como entidade igualitária e autônoma. Entre suas finalidades, conforme o artigo primeiro de seu regulamento⁶ estão: “velar por la pureza y el esplendor de la lengua española”; “contribuir a los trabajos de la Real Academia Española y de la Asociación de Academias de la Lengua Española” e “colaborar con otras instituciones en materias relacionadas con el idioma y con su literatura, especialmente la chilena”.

Para nós, destes três objetivos, o primeiro é o mais marcante, pois remonta a uma concepção de língua como “algo puro que se deve proteger”. A formulação “velar por la pureza y el esplendor de la lengua española” entra em relações de sentido com o lema inscrito no emblema da RAE (ANEXO II) – “Limpia, fija y da esplendor”. Observemos que este funciona como um predicado que recai sobre o nome próprio, no caso, Real Academia Española; remete à fundação dessa academia e a esse objeto simbólico que é seu emblema e seu lema. Com este predica-se sobre esta instituição, enunciando qual é sua função: esta fixa aquilo que já passou por um “processo de limpeza” e, dessa forma, a instituição dá brilho ou esplendor para a língua do que, quando nasceu a RAE, em 1713, ainda era um império. Podemos colocar esse lema em relações de sentido com e com a “missão” enunciada no artigo primeiro do estatuto desta instituição: “velar porque los cambios que experimente la Lengua Española en su costante adaptación a las necesidades de sus hablantes no quiebren la esencial unidad que mantiene en todo el ámbito hispánico”⁷. Notemos que

⁶ Tomamos como fonte a versão de 1999 deste regulamento, publicada na página virtual da Academia Chilena de la Lengua, <http://www.institutodechile.cl/lengua/reglamento.htm>, acesso em 20/02/2012.

⁷ Tomamos como fonte o texto “Breve historia”, publicado na página virtual da Real Academia Española,

esta formulação implica um movimento, um deslocamento com relação ao enunciado no lema. Neste há uma generalização, pois as ações não são submetidas ou referidas a um objeto; porém, no estatuto, a ação de “velar” aparece vinculada a certas especificações e a que nos parece fundamental é a que se apresenta na enunciação como um “pré-construído” (cf. Pêcheux, [1988], 2010) – como algo dado para o sujeito do discurso – e que aparece no fragmento: “a esencial unidad que mantiene [la Lengua Española] en todo el ámbito hispánico”.

As ressonâncias dessas formulações (o lema e o fragmento do citado artigo do estatuto da RAE) atravessam o lugar de autoridade e as relações que esta instituição estabelece com as demais academias dos países hispanoamericanos, principalmente no que tange à produção lexicográfica (ZIMMERMANN, 2003, p. 71); em nosso caso, isto é importante porque o instrumento linguístico cuja análise empreenderemos neste trabalho é da Academia Chilena de la Lengua. Nas próximas seções voltaremos a tratar esse vínculo de origem (por ser esta academia uma correspondente, filiada em sua origem à RAE) e princípios de trabalho entre essas duas instituições com mais detalhe, atentando principalmente à relação de hierarquia e de subordinação que detectaremos dentro da proposta que o DUECh tenta significar.

3. Dispositivo analítico

Para proceder a uma análise de dicionário a partir do ponto de vista discursivo, começaremos por explorar o conceito de discurso, central na teoria da AD. Além de trabalhar com essa noção também mobilizaremos dois conceitos essenciais que farão parte de nosso dispositivo analítico⁸ (ORLANDI, [1999], 2010, p.27), são eles “condições de produção” e “formação discursiva”. Lembramos que também mobilizaremos alguns conceitos do campo da lexicografia que designam partes da estrutura do DUECh, que abordamos como um instrumento linguístico, e que definiremos, apenas quando necessário, no decorrer de nossa análise.

3.1 Discurso

Algo fundamental para não pensarmos um dicionário como um catálogo que traz palavras e definições todas definitivas é considerá-lo como um discurso, como o faz Horta Nunes em seus trabalhos de análise de obras lexicográficas. O conceito de discurso é definido por Pêcheux, em “Análise automática do discurso”, como “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, [1969], 2010, p.81). Em nosso caso os locutores envolvem, fundamentalmente, o lexicógrafo e a série de

<http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/voTodosporId/CEDF300E8D943D3FC12571360037CC94?OpenDocument&i=0>, acesso em 20/02/2012

⁸Tal dispositivo analítico está vinculado ao trabalho de José Horta Nunes (UNESP/UNICAMP) que, como já mencionamos, mobilizou uma série de conceitos fundamentais da AD para a abordagem do dicionário como objeto discursivo

leitores que virão de diversos lugares e ocuparão diversas posições discursivas em trabalhos de leitura diferentes. Pensando primeiro no sujeito lexicógrafo, atentamos para a produção do discurso, porém, por este ser efeito *entre* locutores, o discurso do dicionário alcança significação na medida em que também envolve seus leitores, seus consulentes. Dessa forma, trazer o conceito de discurso para abordar o estudo dos dicionários e, portanto, considerar que os sentidos se estabelecem na relação entre locutores supõe um movimento significativo para desconstruir uma evidência de forte peso na sociedade, segundo a qual “o dicionário, como máxima autoridade, detém os sentidos das palavras (e da língua, que é pensada como léxico)”.⁹

Também de acordo com as relações que Nunes estabelece entre discurso e prática (2006, p. 18), podemos considerar o dicionário como efeito de práticas exercidas em determinadas conjunturas. Disso decorre que para compreender o discurso do dicionário é preciso conhecer tais conjunturas, suas *condições de produção*. Segundo Nunes, “(c)omo todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos” (2006: p.18).

3.2. Condições de produção

Conforme esboçamos no tópico anterior, as condições de produção são um conceito formulado pela AD que considera como parte fundamental da compreensão de um discurso os elementos extralinguísticos que lhe dão base. Com base nas reflexões de Orlandi ([1999], 2010, p.30-31), tais elementos são concebidos como constitutivos desse discurso e, sendo assim, este só “se constitui” como tal *na articulação entre a história e a linguagem*; isto significa que seu funcionamento se dá no elo entre linguagem e exterioridade.

Claro está que ao falarmos de condições de produção não nos fechamos apenas em um contexto histórico imediato que circunscreve o discurso a ser analisado. As condições de produção se vinculam também a uma memória do dizer, uma série de sentidos (*relações de sentido*, ORLANDI [1999], 2010, p.39) e a posições de sujeito marcadas historicamente. Estas posições funcionam dentro de formações imaginárias que, de acordo com Pêcheux ([1969], 2010, p.81), “designam o lugar que A [produtor] e B [destinatário] se atribuem cada um a si e ao outro” (*mecanismos de antecipação*, ORLANDI [1999], 2010, p.41).

Dessa forma concordamos com Nunes (2006, p. 20) quando diz que os sujeitos significam no discurso por meio do imaginário e que um dicionário “nunca é completo e nem reflete diretamente a realidade, pois ele corresponde a uma projeção imaginária do real: de um público

⁹ A formulação que apresentamos está pensada em relação de sentidos com as de “lugar de certeza” e “interdito da dúvida”, citadas por Petri (2010) a partir de OLIVEIRA, S. *Cidadania: história e política de uma palavra*. Campinas: Pontes/RG editores, 2006.

leitor, de uma concepção de língua e de sociedade” e, aproveitamos para acrescentar, numa determinada *relação de forças*, sustentadas no poder dos diferentes *lugares* que se fazem valer no funcionamento de uma sociedade (ORLANDI [1999], 2010, p.39).

Neste trabalho as condições de produção nos levam a refletir, principalmente, sobre o lugar que ocupa nosso objeto dentro da lexicografia diferencial chilena: o *Diccionario de uso del español de Chile*. Entretanto, expandimos seu contexto imediato ao contexto maior da lexicografia em língua espanhola, verificando como neste discurso se estabelecem as fronteiras “entre o próprio e o alheio”. E isto nos leva ao seguinte item, que se relaciona fortemente com o interdiscurso.

3.3. Formação discursiva

Entendemos a formação discursiva segundo a definição de Pêcheux ([1988], 2010, p.147) que considera que “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. E é uma formulação de Orlandi a que nos permite produzir a relação entre este conceito e o de interdiscurso: “as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações” ([1999] 2010, p.43). Desse modo, ao abordar o discurso do dicionário será possível detectar em quais ou em qual formação discursiva dominante se inscrevem seus dizeres: em nosso caso, fundamentalmente, pensamos no prólogo e na análise de definições e marcações que realizaremos a partir de um delimitado recorte da “nomenclatura”.

4. Análise do Prólogo do *Diccionario de uso del español de Chile*

O prólogo de um dicionário, segundo Nunes (2006, p. 33), constitui um material fundamental para a análise das condições de produção (incluindo mecanismos de antecipação sobre o leitor e imagens de dicionário e de língua, entre outras) e da posição do sujeito lexicógrafo. Temos nesse texto – o prólogo – uma cena em que aparece o sujeito lexicógrafo como enunciador, que representa seu papel dentro do espaço imaginário que atribui a si e que define o objeto que apresenta para seus leitores (o plano da obra, os procedimentos lexicográficos, a concepção de língua a que se filia, entre outros aspectos). Disso decorre que no prólogo podemos encontrar marcas de uma “intencionalidade do dizer e do fazer”, ainda que saibamos que a autoria também está sujeita ao equívoco inerente à produção de linguagem (PÊCHEUX, [1990], 2008, p. 50-1).

O *Diccionario de uso del español de Chile* (DUECh), como dissemos anteriormente, foi publicado em agosto de 2010 pela “Academia Chilena de la Lengua” em parceria com uma editora privada e com o “Consejo Nacional de la Cultura y las Artes”. Seu prólogo é assinado pelo diretor

do projeto do DUECh, Alfredo Matus Olivier, que assume assim a posição de porta-voz de toda a comissão de lexicógrafos envolvida na composição do produto final.

Uma primeira aproximação ao prólogo do DUECh (ANEXO I) nos permite observar que este está dividido em três partes: “Antecedentes”, “Características” e “Finalidad y Destinatario”. Não seguiremos estritamente essa divisão em nossa análise, porém a consideramos significativa. De nossa perspectiva, essas designações, a divisão que supõem e os aspectos que em cada uma das respectivas partes são desenvolvidos apontam para uma necessidade de expor claramente os fatores que foram relevantes na produção desse instrumento linguístico que, como veremos paulatinamente ao longo da análise, tenta se filiar explicitamente a sentidos do “novo” não apenas respondendo às “inovações tecnológicas”, mas também lexicográficas.

Nesse prólogo, como veremos, busca-se configurar o lugar que se pretende que o DUECh ocupe em relação à tradição lexicográfica chilena e aos dicionários produzidos no âmbito acadêmico. Centraremos em nossa análise nas “imagens de dicionário” detectadas no prólogo do DUECh e na relação que nesse texto se tece entre a “tradição” e o “novo” como condições de produção deste dicionário. No próximo subitem iniciaremos a referida análise.

4.1. Os dicionários e este dicionário

Para iniciar tal análise, exploraremos dois fragmentos em que detectamos analogias que permitem interpretar os mecanismos de antecipação que nessa textualidade são projetados sobre os dicionários. Tais analogias expressam a imagem daquilo que estes devem ser, sobre seu papel e sua função.

I - Los diccionarios constituyen verdaderos laboratorios y talleres de lenguaje, evangelios del comunicar, “buenas nuevas” sobre el funcionamiento real, cotidiano de nuestras maneras de ser con otros y que nos hacen tomar conciencia de la responsabilidad que nos urge, como seres históricos, a conocer y dominar nuestros modos de decir. (DUECh, p. 5)

A leitura dessa passagem, extraída do segundo parágrafo do prólogo, nos permite observar que sobre o objeto dicionário é feita uma série de predicções a partir de elementos que de “modo figurado” ajudam a defini-lo: “laboratórios e oficinas de linguagem”, “evangelhos do comunicar”, “boas novas sobre o funcionamento real e cotidiano de nossas formas de ser com outros”. Por outro lado, o último elemento desse fragmento estabelece uma função a esse objeto, função esta que o coloca em relação de interpelação a seu destinatário: “nos fazem tomar consciência da responsabilidade de conhecer e dominar nossos modos de dizer”. As analogias apresentadas filiam os dicionários a diversos sentidos; eles se definiriam na comunhão destes.

Tomando o primeiro desses elementos, “laboratórios e oficinas de linguagem”, notamos que os dicionários se definem como espaços de trabalho com a linguagem; trabalho este que se

relaciona com sentidos de experimentação, de pesquisa, de um processo contínuo em busca de novas descobertas. Os dicionários, desse modo, poderiam ser interpretados como os lugares em que a linguagem está em processo, sendo apresentada como uma etapa não definitiva.

Já a analogia com “evangelios del comunicar” está atravessada pelo discurso religioso. Assim, aparecem os sentidos que remetem à “palavra sagrada”. Pensado a partir de sua etimologia, “evangelho” significa “boa notícia”¹⁰, o que em nosso caso entra em relação com a terceira analogia que se faz sobre os dicionários: “boas novas sobre o funcionamento real e cotidiano de nossas formas de ser com outros”¹¹. O evangelho, como a Bíblia de um modo geral, esteve vinculado, sobretudo na Idade Média, à ideia de “sentido completo” que tem apenas uma interpretação; posteriormente, foi aberto à possibilidade de interpretação de outros sentidos (cf. HAROCHE, 1992). Dessa forma, podemos dizer que o lugar do dicionário se associa ao do evangelho e as palavras que registra se associam às palavras do dicionário. Entretanto, a especificação com a qual se determina os dicionários é “do comunicar”, o que implica a presença de um “outro” a quem se transmite um saber ou uma informação. Essa marca relaciona o dicionário ao *uso*, conceito chave neste dicionário, como teremos a oportunidade de ver nesse trabalho.

Por fim, os dicionários são apresentados como “boas novas sobre o funcionamento real e cotidiano de nossas formas de ser com outros”. Interpretamos “boas novas” como aquilo que se espera com anseio e que, neste caso, se refere a algo que concerne a uma determinada comunidade, ao informar-nos sobre “nossas formas de ser”. Assim, poderíamos dizer que os dicionários são vinculados aqui a um lugar de objeto de desejo por parte de seus destinatários; e a eles também se supõe a capacidade de registrar “o funcionamento real, cotidiano de nossas formas de ser com outros”. Detectamos aí uma definição genérica (de todos os dicionários) que irá acolher a definição do próprio dicionário, do DUECh, como veremos. E, nesse sentido, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que está sendo antecipada, num claro processo de interpelação, a capacidade que teria esse objeto de funcionar como espaço de reconhecimento por parte de seus consulentes, de seus interlocutores. Ao mesmo tempo, este objeto, antecipado como ponto ou espaço comum de identificação que o dicionário configuraria está marcado também por dois gestos que cabem ao destinatário como deveres: conhecer e dominar aquilo que é próprio – registrado e legitimado pelo dicionário; e assumir a responsabilidade – a obrigatoriedade – de conhecer o que lhe é próprio. Vemos aí uma posição aberta para o interlocutor como cidadão de uma nação, aspecto que nos parece possível observar pelo lugar a partir do qual o sujeito do discurso formula sua enunciação: o da “Academia Chilena da la Lengua” e pelo funcionamento da especificação “de

¹⁰<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=evangelho&stipe=k>

¹¹Inclusive, não podemos deixar de observar que há um elo semântico forte nesses fragmentos que nos leva a ler “evangelho de comunicar boas novas”, resistindo à marca deixada pela vírgula.

Chile” que aparece no título deste instrumento¹².

Abordadas as três analogias, parece-nos interessante voltar sobre dois aspectos do fragmento analisado. Em primeiro lugar, não se menciona diretamente, em todo o fragmento (I), a “língua”, chegamos a ela pelas noções de “linguagem” e “comunicação”. Nessa perspectiva, nos dicionários se trabalharia com uma competência, uma faculdade dos seres humanos (a linguagem) relacionada diretamente a um uso que implica um sujeito e um outro (comunicar). Em segundo lugar, atentando para a sintaxe do fragmento percebemos uma definição genérica para caracterizar “los diccionarios”. Entretanto, ao determos a leitura a cada parte dessa definição percebemos que há uma *direção do dizer* (GUIMARÃES, 1998) que quer instaurar uma perspectiva de dicionário muito ligada ao dicionário que está sendo prologado e não a todos os outros. Os sentidos que se apresentam são uma aproximação, uma antecipação daquilo que é um “dicionário de uso”, como o DUECh. Assim, poderíamos dizer que detectamos nessas analogias as marcas de um trabalho para, de um lado, apresentar ao leitor o horizonte de sentidos a que se filia o DUECh, inclusive porque nem todos os dicionários responderiam a essa imagem que aí se constrói; e de outro, abrir uma outra posição para o destinatário, no sentido de deslocar uma imagem de submissão e reverência ao dicionário que tenta desconstruir uma relação disfórica com esse objeto tão marcado socialmente. Este último aspecto aparece de forma clara quando pensamos que há uma antecipação dos consulentes que tem um claro efeito sobre o objeto dicionário, para o qual também se antecipa um novo lugar, um outro lugar .

Passemos para o segundo fragmento no qual, de novo, detectamos formas de definir os dicionários, inclusive mediante mais uma analogia, e que aparece na parte final do prólogo que analisamos.

II - Pero, cuidado, que – como decía el gran lexicógrafo inglés Samuel Johnson (1709-1784) – : “Los diccionarios son como los relojes: el peor es mejor que ninguno, pero del mejor no se puede esperar que sea del todo preciso.” Y esto, por la naturaleza misma del lenguaje humano, actividad creadora, en perpetuo movimiento, dinámica, cambiante.” (DUECh, p.10)

Aqui temos o recurso ao discurso de outro lexicógrafo, uma retomada de uma analogia usada para dar conta da impossibilidade de completude de um dicionário. Com a figura de relógio é afirmada a necessidade de tal objeto (“o pior é melhor que nenhum”) e uma limitação inerente a ele (“do melhor *não se pode esperar* que seja totalmente preciso”). Destacamos, porém, que embora o relógio seja evocado como análogo do dicionário para dizer que não se pode esperar deste a total

¹²Nesse sentido, também cabe destacar que o DUECh em seu prólogo, convoca seus leitores a participar de sua produção, considerando este fator como um imperativo da lexicografia atual – aspecto que parece entrar em relação com a analogia já apresentada: “laboratórios e oficinas de linguagem”: “Y este es un imperativo de la lexicografía actual: los verdaderos autores tienen que ser sus destinatarios. Sirva eso de llamado a que colaboren, desde ahora, en el perfeccionamiento de estos códigos, en su puesta al día, su limpieza y el acrecentamiento de sus contenidos”. (DUECh, p.7)

precisão, a negação no enunciado (à qual damos destaque) é bastante significativa, pois parece se orientar na direção de desconstruir a imagem idealizada de que o dicionário seria completo.

Por outro lado, a imagem de relógio se vincula a um movimento contínuo (que não é diretamente tematizado nesse prólogo) e, nesse sentido, nos leva a realizar uma breve reflexão acerca do dicionário, como instrumento linguístico – reflexão que pensamos que será especificamente produtiva na hora de elaborar as conclusões da aproximação à análise do DUECh. O relógio opera por repetição e gostaríamos de colocar esse sentido em relação com o funcionamento deste objeto. Recorremos às reflexões de Payer (2006, p.38), que vinculam o funcionamento da língua à repetição. Isto possibilita que a pesquisadora fale de “memória *na* língua”, reconhecendo que *há memória* no seu funcionar, e abra um jogo falando também de “memória *da* língua”. Dependendo da perspectiva, as preposições “na” e “da” falam da relação que a língua guarda com a exterioridade, com a história. Essa memória é *constitutiva* (cf. PAYER, 2006) do funcionamento de diversas práticas numa sociedade e, nesse sentido, poderíamos dizer que os instrumentos linguísticos, no caso os dicionários, funcionariam trabalhando a *memória representada* (cf. PAYER, 2006) dessa língua nessa mesma sociedade. Nesse sentido, funcionam como instrumentos que legitimam – ao retomar o processo de repetição de certas formas – ou interditam mediante a introdução de certas marcações – ou excluem, ao não retomar certos termos em sua nomenclatura. Por essas várias vias, interferem produzindo a memória representada de uma língua¹³. Passaremos, no próximo ponto, a analisar as condições de produção nas quais o DUECh se insere.

4.2. Um “novo dicionário” no horizonte da lexicografia chilena

O campo da lexicografia em língua espanhola apresenta como uma característica marcante, segundo alguns autores (ÁVILA, 2003; ZIMMERMANN, 2003), uma subordinação da produção lexicográfica dos países que têm o espanhol como língua oficial ao que é produzido pela RAE. O *Diccionario de la Lengua Española* (DRAE), publicado pela RAE, conta com 22 edições e segue sendo uma referência muito forte para tanto para os falantes de espanhol como também para a produção lexicográfica dos países hispânicos, que em grande medida produzem obras complementares ao dicionário da RAE (ZIMMERMANN, 2003, p.71). Em sua nomenclatura são registrados tanto o léxico peninsular quanto os “americanismos” que, segundo as informações disponibilizadas na página virtual desta academia¹⁴, passam por uma comissão dentro desta academia que os aprova para proceder a atualização deste dicionário.

¹³ Pensando especificamente a relação do dicionário com a memória representada, poderíamos dizer que este incide na expressão de imagens sobre a língua tais como: “essa palavra existe”, “essa expressão pode ser usada”, “essa palavra é vulgar”, dentre tantas outras.

¹⁴<http://buscon.rae.es/drae/>, acesso em 20/02/2012.

Atualmente, nos países da Hispano-América, encontramos ainda escassas produções de dicionários integrais de espanhol (ou que se assumam como tal). De fato, há apenas dois: o *Diccionario Integral del Español de Argentina*, primeiro monolíngue integral e elaborado a partir de um corpus próprio publicado na Hispano-América, em 2010, pela editora Voz Activa e o *Diccionario del Español de México*, dirigido por Luis Fernando Lara e publicado em 2010 pelo Colegio de México; Na Espanha, temos que mencionar o caso do *Diccionario del Español Actual*, de Manuel Seco et alli – que se designa como integral – publicado pela editora Aguilar em 1999, pois ele se constitui – já o antecipamos – como corpus contrastivo do DUECh.

No entanto, ainda de acordo com Zimmermann (2003), a produção de dicionários diferenciais de americanismos ou regionalismos separados por país é bastante profícua, sendo o DUECh um expoente atual desta categoria. Há, nesse sentido, uma afirmação do caráter complementar e colaborativo, assumido pela academia chilena – em seu regulamento – com a RAE. O DUECh registra um léxico próprio, mas não se desvincula do registro de um léxico considerado geral já feito pela RAE. Esta postura fortalece o estabelecimento de uma hierarquia que podemos relacionar com a ideia da manutenção da “unidade essencial” da língua espanhola a que se filia a RAE em seu estatuto, como já mencionamos e, poderíamos dizer, dá suporte ao trabalho complementar apresentado pela “Academia Chilena de la Lengua” através do DUECh.

Essa posição com respeito à unidade da língua espanhola é marcada no prólogo deste último mediante a menção ao lema da “Academia Chilena de la Lengua”: *unir por la palabra*, lema que é definido como uma resposta a

[...] un anhelo de unidad para los quinientos millones que hablamos español en el mundo: férrea unidad, que es férreo afán de solidaridad, de cohesión, de respeto y amor por el otro, a través de la entrañable palabra que mamamos de nuestras madres. (DUECh, p.5)

Este “unir pela palavra como desejo de coesão” entra em relação de sentidos não só com a “missão” da RAE, como também com o que Fajardo (2010, p. 52) aponta como um temor dos hispanistas frente ao sucesso dos movimentos de independência durante o século XIX: a fragmentação do espanhol. De nossa perspectiva, cabe admitir que um dicionário complementar se inscreve na direção instalada pelo já citado anseio de unidade, pois reconhece o núcleo geral, registrado por outro (no caso a RAE) que está apenas expandindo sem deixar de respeitá-lo, a ele se subordinando. Zimmermann (2003, p. 75) a respeito do afã de apresentar em forma de dicionário apenas as particularidades, os “ismos” (argentinismos, mexicanismos, chilenismos etc) de cada país considera que

El interés unilateral de querer presentar en forma de diccionario sólo los hechos específicos, demuestra, sin embargo, desde el punto de vista ideológico, una cierta mentalidad colonializada de dependencia de los lingüistas hispanoamericanos. El trabajo básico – según esta concepción – no sólo sigue recayendo sobre la ex-metrópoli, sino también se considera más importante y fundamental la

variedad peninsular del castellano en los aspectos generales.

Desse modo observamos que o DUECh promove um deslocamento no sentido de que reconhece a singularidade de algumas características do espanhol falado no Chile e deixa marcas no seu título que evitam a designação de “-ismos”, mas também a permanência, pois não se desconecta do fio que o liga a RAE e do objetivo de velar pela unidade. De certo modo, “as palavras que mamamos de nossas mães”, tal como aparece no fragmento do prólogo que apresentamos acima, são as que continuam sendo reconhecidas como herdadas da mãe Espanha¹⁵ – no sentido de que seu registro e legitimação estão vinculados à força do trabalho da RAE – misturadas a algumas que trazem a cor local. Isso se demonstra mais claramente quando se apresenta no prólogo como uma das características do DUECh, o modo como foi estabelecido o contraste para definir quais palavras seriam, de fato, pertencentes a um espanhol propriamente “chileno”:

Para verificar esta diferencialidad dialectal se ha empleado una batería de contrastividad constituida por un conjunto de diccionarios que contienen léxico general (como el Diccionario del español actual, de Manuel Seco et alli y el Diccionario de la lengua Española de la Real Academia Española), buscadores (como Google) y encuestas aplicadas a informantes (DUECh, p. 8).

Não há nesse levantamento das fontes com as quais se estabeleceu um contraste nenhuma menção a um dicionário que não seja produzido em Espanha. Sequer são mencionados os demais dicionários diferenciais de outros países da América, que seriam úteis na identificação daquilo que mesmo não pertencendo ao espanhol geral – como define o DUECh – tampouco é uma exclusividade do espanhol chileno. Delimita-se, portanto, uma fronteira que apaga as demais vozes hispânicas (não espanholas) como significativas. Na concepção apresentada neste discurso é preciso ainda estabelecer uma fronteira com a antiga metrópole, não com os demais estados nacionais.

Para compreender a atual posição da Academia Chilena de la Lengua na produção do DUECh convém recorrer ao histórico da lexicografia diferencial chilena e dos pilares que a constituem e que funcionam como condições de produção do discurso desse instrumento linguístico e, para tanto, tomaremos como fonte o trabalho de Soledad Chávez Fajardo¹⁶ – autora já citada neste trabalho. Segundo a estudiosa (2010, p. 50), a lexicografia diferencial chilena inicia em 1875 sua fase pré-científica, em que o trabalho de composição dos dicionários estava a cargo de profissionais de áreas distintas das do estudo da linguagem: assim, em 1875 o político, advogado e escritor Zorobabel Rodríguez publica o *Diccionario de chilenismos*; em 1893 é publicado o *Diccionario manual de locuciones viciosas y de correcciones de lenguaje*, de autoria do sacerdote salesiano Camilo Ortúzar Montt; sete anos depois, em 1900, o político e advogado Aníbal Echeverría y Reyes

¹⁵No fragmento “a través de la entrañable palabra que mamamos de nuestras *madres*” o significante destacado não deixa de incluir a referência à “madre patria”, designação recorrente nos países da América Hispânica para falar de Espanha, ainda hoje.

¹⁶Soledad Chávez Fajardo é autora de análises de prólogos de dicionários diferenciais chilenos a partir das considerações da AD e da História das ideias linguísticas e colaboradora da equipe lexicográfica responsável pela elaboração do DUECh.

Voces usadas em Chile; posteriormente, entre 1901 y 1919, publica-se o *Diccionario de chilenismos y de otras voces y locuciones viciosas*, obra do sacerdote Manuel Antonio Román e, por fim, em 1928, publica-se *Chilenismos, apuntes lexicográficos*, do advogado José Toribio Medina.

Tais obras, conforme observa Fajardo (2010, p. 52-53), atendiam principalmente a um desejo de que a coesão do espanhol não fosse ameaçada pelas diversas expressões dialetais dos estados nacionais em desenvolvimento, uma vez que o estabelecimento de uma unidade linguística não raras vezes foi um dos principais pilares da constituição da identidade nacional a partir dos processos de independência. Muitas vezes, acompanhava esse processo, ainda segundo observa a própria estudiosa (ibid.), uma noção de língua própria, mas também limpa dos vulgarismos dialetais. Nesse sentido os títulos de algumas obras lexicográficas já são por si mesmos bastante significativos, pois classificam certas vozes como “viciosas”, julgam de forma moral e, assim, vão constituindo uma norma. Fajardo (ibid., p.55) salienta que apenas a partir de 1900, com os trabalhos do linguista alemão Rodolfo Lenz, apresenta-se para a lexicografia chilena uma perspectiva descritiva do léxico, que funcionaria como registro do real e não como estabelecimento do correto¹⁷.

No prólogo do DUECh não há menção a nenhum desses dicionários da etapa que Fajardo delimita como pré-científica. Porém, notamos que há traços de uma posição favorável à unidade linguística dessa fase que permanecem no discurso atual, detectamos uma presença desses dizeres mesmo na ausência de sua retomada. O primeiro antecedente reconhecido explicitamente no DUECh é o *Diccionario del habla chilena* (DHCh), publicado em 1978 pela “Academia Chilena de la Lengua”. Tal obra, de acordo com o que lemos em seu prólogo, constitui uma compilação tanto de todos os termos que a RAE designava até essa época como chilenismos e de algumas palavras classificadas por esta última instituição como “americanismos que encontravam uso difundido no Chile” quanto de

[...] voces y locuciones que tienen mucha circulación en Chile, tanto en el habla formal como en la lengua familiar, popular e incluso vulgar, que hasta el momento no han sido admitidas por la docta corporación española y quizás nunca tendrán la oportunidad de ser tomadas en consideración (DHCh, p 20).

É possível notar que a perspectiva desse dicionário – o DHCh – era a de fazer um agenciamento principalmente daquilo que diferenciava como propriamente chileno.

Ainda que reconheça tal antecedente e se filie à linha de sentidos instalada por esse instrumento, no prólogo do DUECh aparecem marcas de filiação ao “novo” de maneira significativa, como podemos observar no seguinte fragmento:

[...] el tiempo no ha transcurrido en vano. El diccionario de 1978 ha quedado ya como muestra de lo

¹⁷Entretanto, vemos que a nomenclatura de “vícios” permanece na obra de Manuel Antonio Román, finalizada em 1919 (*Diccionario de chilenismos y de otras voces y locuciones viciosas*).

que fue la lexicografía del pasado, con todas sus fragilidades y – por qué no decirlo – sus prevaricaciones. **Nuevas concepciones, nuevos procedimientos** y metodologías se han desarrollado, de modo veloz, en las últimas décadas. La lexicografía y la metalexigrafía hispánicas, académicas y no académicas se redefinen de acuerdo con los **avances** tecnológicos, conceptuales y, sobretudo, con los desarrollos de las ciencias del lenguaje, y dentro de nuevos contextos de la lengua española. La Academia Chilena, en consecuencia, **no ha querido reeditar** su trabajo de hace más de seis lustros, **sino proyectar**, más bien, **un nuevo repertorio lexicográfico** de concepción y alcances diferentes (DUECh, p 6, grifos nossos).

Notamos nessa passagem uma certa regularidade: a repetição de expressões relacionadas à ideia do novo, conforme destacamos. Esses fragmentos sinalizam o deslocamento que o DUECh quer estabelecer em relação a seu antecedente mais próximo. Nesse sentido, eles dão ao prólogo “ares de fundação”; parece haver aí um gesto fundacional (que se quer fundador), que olha a seu redor, define seu contexto e se coloca como meta a necessidade de uma renovação. No intradiscurso, na sintaxe, aparecem sintagmas como “novas concepções” e “avanços”, e se estabelece uma negação (“no ha querido reeditar su trabajo”). Nega-se identificação com o dicionário de 1978 para operar, mediante o “sino”, uma substituição desse movimento: “proyectar un nuevo repertorio léxico de concepción y alcances diferentes”. O fragmento “más bien” que poderia ser parafraseado, nesse contexto, mediante um “melhor” (como advérbio) modaliza e potencializa a opção pela substituição, pela instalação de novos sentidos para o instrumento linguístico que está sendo apresentado.

Opera aí o jogo repetição/deslocamento e, na sintaxe, prevalece este último. Este desejo de inovação (ou “do novo”) faz com que o prólogo deste dicionário o apresente como um instrumento capaz de abrir uma nova concepção do espanhol falado no Chile. O restabelecimento das fronteiras que delimitam o “nosso” – agora mais seguro pela possibilidade de se estabelecer uma contrastividade considerada “efetiva”, segundo a perspectiva expressa no prólogo – funciona como um acontecimento, que por enquanto não podemos especificar como discursivo (cf. PÊXEUX, [1990], 2008). Nesse sentido no prólogo analisado apareceram marcas (não só de negação) que separam o “próprio” do “alheio”. É preciso lembrar neste ponto que o DUECh foi publicado em 2010, justamente como uma das celebrações do bicentenário da independência chilena e, nesse sentido, o deslocamento que observamos acima poderia chegar a prometer deslizamentos capazes “de provocar rupturas com os sentidos já instituídos”¹⁸ (cf. INDURSKY, 2008). Porém, o “apego ao novo” não parece garantir nem uma ruptura nem uma *desidentificação* (cf ibidem) em relação à posição ocupada pela RAE. Por isso, nestas alturas já podemos reafirmar que o gesto da “Academia Chilena de la Lengua” se configura como um “gesto fundacional”, que se quer fundador¹⁹, mas não

¹⁸Isto o configuraria justamente como um acontecimento discursivo.

¹⁹Para a diferenciação entre discurso fundacional e discurso fundador cf. CELADA, M. T. “A fundação de um destino para a pátria argentina” e ZOPPI FONTANA, M.G. “Sonhando a pátria: o fundamento de repetidas fundações”, ambos em ORLANDI, E.(org). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

tem “cacife” para instaurar novos sentidos capazes de ruir séries de sentidos ou rotinas de interpretação “tradicionais”.

As considerações que acabamos de esboçar nos parecem produtivas para tratar o próximo aspecto, ao mesmo tempo em que a observação que faremos iluminará o caminho para compreendermos a impossibilidade de que este dicionário funcione como um acontecimento discursivo. Filiar-se ao “novo” implicou negar uma série, produzindo uma ruptura que constrói alteridade (INDURSKY, 1997, p.215). Cabe analisarmos uma marca de negação, no prólogo analisado, que responde a ressignificar o lugar que desse instrumento dentro da produção acadêmica.

La normatividad, propia de las obras académicas, es cuestión compleja que actualmente se encuentra redefinida y que tiene su fundamento en el viejo adagio horaciano: “el uso es más poderoso que los césares”. En los diccionarios esto se refleja en el *realismo platónico* de “decir las cosas como son”. Estos textos **solo describen, no autorizan**. El hecho de que una palabra haya sido registrada **no significa su legitimación** (su empleo indiscriminado): es el uso real, que debe quedar fielmente representado en el diccionario (en su comportamiento gramatical y sus circunstancias cronológicas, geográficas, sociales y estilísticas), el que se autoriza a sí mismo. (DUECh, p.9, grifos nossos).

Nesta passagem observamos um deslocamento da noção de normatividade, como uma negação que desconstrói a imagem antecipada pelo sujeito lexicógrafo de que no imaginário de seus leitores “norma” e “instrumentos produzidos pela academia” são indissociáveis. Há uma relativização dessa norma a partir da citação do adágio horaciano que coloca o *uso* como a autoridade e que se reforça com a negação da função dos dicionários de autorizar e legitimar o léxico que registram. Poderíamos dizer que o DUECh é apresentado aqui como uma mostra “neutra”, por não ser normativa, que apenas registra o “uso real” de uma série de unidades léxicas que conformam um falar chileno.

Em suma, podemos dizer que o que se constrói neste prólogo é o imaginário de um instrumento vinculado a uma memória discursiva – de diferencialidade do espanhol chileno em relação principalmente ao de Espanha, da produção lexicográfica chilena, da produção acadêmica – que procura ser apenas (por ser registro) o “espelho do real” e um espaço de identificação dos falantes sem o peso da norma linguística. Por fim, é preciso observar que trabalha aí uma *contradição* (descrever e não autorizar)²⁰ que parece ser constitutiva do campo da academia e, mais precisamente, desse campo no universo da língua espanhola, marcado por outra contradição. Antes de enunciá-la, consideramos relevante destacar que não a pensamos de uma perspectiva lógica, mas de uma perspectiva histórica e, nesse sentido, conforme Pêcheux ([1977], 1990), que retoma Althusser, ela implica uma relação desigual ou uma desigualdade: a relação hierárquica estabelecida pela RAE a respeito de outras academias, dentro de processos de formação das nações na América

²⁰Como veremos na próxima seção, o trabalho de descrever (mero registro) não configura uma posição discursiva na qual o lexicógrafo se desvencilhe do universo de sentidos implícito no “autorizar”.

Hispânica afetados por processos de (des)colonização linguística.

Na seguinte seção, retomaremos as relações que se estabelecem com essa memória a partir da análise da definição de uma das palavras registradas na nomenclatura do DUECh: “vos”. Passamos, então, a essa parte.

5. Uma aproximação à nomenclatura do DUECh: o caso de “vos”

Conforme mencionamos no primeiro item deste texto, nosso trabalho de análise da nomenclatura do DUECh focalizará a definição do verbete “vos”. Compreendemos que este gesto representa uma aproximação à análise deste dicionário e optamos por ele, de um lado, porque o dicionário é de uso do espanhol do Chile, e nesse sentido se articula a orientação do dizer no prólogo; e, por outro, porque essa forma de tratamento apresenta aspectos muito específicos no funcionamento da memória discursiva²¹. e seria produtivo ver como um dicionário, com as características do que analisamos, aborda seu registro e definição. Em nossa análise da definição desse verbete faremos fundamentalmente três movimentos: estabelecer relações de sentido entre a definição apresentada no DUECh com as registradas no *Diccionario del español actual* – de autoria de Manuel Seco et alli – e no *Diccionario de la lengua española* (DRAE) – elaborado pela RAE –, instrumentos que, como vimos no item anterior, são mencionados no prólogo do dicionário que analisamos por funcionarem como base para o estabelecimento da diferencialidade das palavras e locuções que ele registra; retomar e pôr em relação os sentidos atribuídos a este vocábulo no DUECh com outros dizeres que circularam e permeiam a memória discursiva sobre o voseo no Chile; e observar em outros verbetes registrados nesse instrumento linguístico ocorrências relacionadas ao voseo chileno.

O DUECh, como se observa em seu prólogo, recolhe em sua nomenclatura apenas vocábulos que não são usados no “espanhol geral” e que, quando registrados em outros dicionários como o *Diccionario del español actual* e no DRAE apresentam matizes de significado diferentes na realidade chilena. “Vos” é registrado como verbete em ambos os dicionários e começaremos nossa análise citando ambas as definições. Vejamos a do *Diccionario del español actual*:

Vos I pron. Pers 1 se emplea en el lenguaje ceremonioso, con concordancia en pl, para designar a la pers a quien se dirige la palabra. Toma la forma OS (que se pronuncia átona) cuando funciona como

²¹Em nossos primeiros estudos sobre o funcionamento deste pronome no espanhol chileno, para os quais foram imprescindíveis os apontamentos dos professores Helmuth Steil Veloz e Víctor Martínez Álvarez (USACH), pudemos notar que essa forma de tratamento se apresenta no contexto chileno como uma forma interdita e não assumida. O uso do pronome “vos”, nos comentários desses professores, está vinculado a modos de dizer de “pessoas de pouca cultura” ou como uma forma “vulgar”, o que podemos encontrar representado em obras teatrais e televisivas, por exemplo. Isso decorre - como veremos mais adiante - de um processo de interdição e exclusão pelo que a forma “vos” passou. Poderíamos dizer, portanto, que não há no funcionamento da memória discursiva sobre o “vos” a superação do mecanismo de antecipação que o relega a usos “vulgares” ou de “baixa cultura” e, por isso, este não aparece na *memória representada* que os chilenos têm de sua língua.

cd o ci sin prep. Van 2374,5: El pueblo español ve en vos, señor, la garantía de un brillante futuro que con el esfuerzo de todos conseguiremos para nuestra España, dijo [al príncipe de España] el señor Samaranch, presidente del comité organizador del certamen. Van 3274,6: el señor Saramanch finalizó su discurso manifestando.: Os ruego, Alteza, que hagáis llegar también al Caudillo de España, una vez más, nuestra adhesión incondicional.

Pasemos agora para a definição encontrada no DRAE:

vos. (Del lat. *vos*).

1. pron. Person. Forma de 2.^a persona singular o plural y en masculino o femenino, empleada como tratamiento. Lleva preposición en los casos oblicuos y exige verbo en plural, pero concierta en singular con el adjetivo aplicado a la persona a quien se dirige. *Vos, don Pedro, sois docto; vos, Juana, sois caritativa.* En la actualidad solo se usa en tono elevado.

2. pron. person. *Arg., Bol., C. Rica, El Salv., Nic., Par., Ur. y Ven.* Forma de 2.^a persona singular. Cumple la función de sujeto, vocativo y término de complemento. Su paradigma verbal difiere según las distintas áreas de empleo. En México, u. c. Rur.

A primeira definição se circunscreve ao uso do pronome “vos” como forma de linguagem “cerimoniosa”, como o tratamento de um subalterno a seu superior. Há a presença de um saber gramatical na explicação sobre seu uso dependendo da sintaxe e não há menção a uma restrição geográfica do uso da forma. Por tratar-se de um dicionário integral do espanhol da Espanha – conforme consta no próprio prólogo – deduz-se que o registro desse uso do pronome atinge toda a extensão desse território.

No caso do dicionário da RAE, vemos que há uma separação entre um uso não marcado geograficamente e outro que se restringe a alguns países da América. Notamos que a definição 1, por não estar marcada por uma especificação relativa ao espaço, é a que se registra para todas as outras regiões que não estão determinadas na definição 2. Além disso, ela traz algumas especificações gramaticais, esclarecendo que o pronome pode designar tanto o plural quanto o singular e, por fim, restringe o uso de “vos” a um “tom elevado” (o que a deixa próxima da definição registrada no dicionário de Seco), submetendo esta restrição a uma outra: a que se refere ao eixo do tempo, pois aparece a especificação “en la actualidad”.

Já a definição 2, aparece marcada espacialmente mediante o registro de uma lista de países, apresenta apenas saberes gramaticais (as funções que exerce nas orações, a pessoa gramatical que designa, a menção ao paradigma verbal) e não menciona situações de uso nem exemplos que o contextualizem. Notamos que nesse caso há um silenciamento no que se refere tanto ao que nós designaríamos como “situações de interlocução” a que está circunscrito o uso de “vos”, como forma de tratamento, nos diferentes espaços de enunciação. Cabe esclarecer que os diferentes usos se caracterizam, inclusive, por apresentar uma relativa complexidade não apenas no que se refere ao funcionamento morfo-sintático mas também discursivo, pensado este último em sua relação com as outras formas de tratamento em cada espaço de enunciação. Dizemos isto, tomando como base trabalhos como o de Norma Carricaburo (1997). Por fim, no que se refere ao caso chileno, devemos

acrescentar que, justamente, na lista de países mencionados pelo dicionário da RAE no verbete que focalizamos não se faz referência ao Chile.

Como fica plasmado no título e na direção do dizer que detectamos ao analisar o Prólogo, o DUECh focaliza o *uso* do espanhol do Chile. Dentro de sua nomenclatura as “situações de uso” são delimitadas por marcações que podemos considerar muito ligadas a caracterizar a “intenção” (humorística, ofensiva, afetuosa) do falante com o uso de determinada palavra e, por outro lado, a caracterizar o “contexto” em que a utiliza (formal, familiar, informal). Essas “situações de uso” são ilustradas por exemplos que, de acordo com a seção *Instrucciones de uso* (cf. DUECh p.23), foram extraídos de fontes “reais”, que incluem “fontes escritas” – como textos da imprensa e literários, publicados tanto na versão impressa quanto em meios eletrônicos –, e fontes orais, extraídos – o rádio e a televisão.

Isto posto, observemos como se apresenta a definição de “vos” neste dicionário.

Vos. m-f. Pronombre segunda persona singular, empleado entre personas de mucha confianza en situaciones informales, o bien para tratar despectivamente a otra persona. *espon.* <<Pero como éstos salieron, además, maleducados, Le respondieron con un tajante: ¿Qué te importa, querís que te roben a *voh*, acaso?>>. (La cuarta@, Entraron a robar... 13.02.03)

Em primeiro lugar o que vemos nessa definição é que, de fato, o uso que nela se registra não coincide com o registrado nos dois dicionários anteriormente citados. Detendo nosso olhar na formulação da definição encontramos um discurso gramatical que define “vos” segundo sua classificação morfológica; em paralelo são apresentados fatores que indicam uma “situação de uso”: “entre personas de mucha confianza”²², “situaciones informales o bien para tratar despectivamente²³ a alguien”. Nesse movimento temos uma delimitação do uso de “vos” a algumas “situações de uso” que se definem por características não necessariamente consonantes: “intimidade”, “informalidade”, “ofensa”.

Em segundo lugar encontramos a marcação *espon.*, que designa um uso “espontâneo”, definido na seção correspondente deste dicionário da seguinte forma: “indica que la palabra o expresión es característica de situaciones informales o coloquiales, como conversaciones entre amigos y familiares” (DUECh, p.28) e que consideramos que se opõe a *esm.* (“esmerado”), marcação também utilizada pelo DUECh, que “indica que la palabra o expresión es característica de situaciones formales, como discursos pronunciados en público, prensa escrita, clases o conferencias, y otras similares” (DUECh, p.28). Notamos que a marcação *espon.* está em consonância com as relações “de intimidade” e as “situações informais” descritas na definição de “vos”, porém não entra na série de sentidos que essa marcação supõe o sentido de “ofensa” que detectamos na qualificação “despectivamente” utilizada na definição. Cabe ressaltar que *desp.* (equivalente a

²² “Personas de confianza” se relaciona com um grau de intimidade entre interlocutores.

²³ “Despectivamente” se relaciona com uma intenção ofensiva, de deprecição do interlocutor.

“despectivo”) é também uma marcação admitida no DUECh, que indica que “la palabra o expresión se usa con intención ofensiva, con una carga de desprecio hacia la persona, cosa o situación a la que se aplica” (DUECh, p.28). Poderíamos dizer, assim, que na ausência dessa marca há um movimento do sujeito lexicógrafo bastante significativo e que demonstra uma “contradição interna” na definição. O sujeito lexicógrafo decide não marcar a carga ofensiva da palavra, não a classifica como um termo ligado ao tratamento ofensivo do outro, mas essa carga surge (como irrupção) na formulação da definição. Desse modo se articula um silenciamento na marcação e uma presença que ressoa na definição.

Podemos encontrar este mesmo movimento no exemplo, que retomamos <<Pero como éstos salieron, además, maleducados, Le respondieron con un tajante: ¿Qué te importa, querís que te roben a *voh*, acaso?” >>. (La cuarta@, Entraron a robar... 13.02.03). Neste caso encontramos uma situação de uso de “vos” que se origina no registro oral e que chega como fonte para o dicionário através de um registro escrito publicado em um jornal popular chileno²⁴, veiculado neste caso pela internet. Há uma caracterização dos enunciadores que utilizam o “vos”: são “maleducados”. Tal caracterização nos parece significativa, pois funciona como uma atualização de certos discursos sobre o uso de “vos” que constroem pela repetição uma memória na língua (PAYER, 2006, p. 39) falada pelos chilenos.

Entre os discursos que constituíram uma memória discursiva sobre “vos” na língua falada pelos chilenos o expoente mais antigo a que tivemos acesso vem da *Gramática de la Lengua Castellana* de Andrés Bello, publicada em meados do século XIX. Nela Bello define o uso desse pronome no diálogo familiar como uma “vulgaridade” (BELLO, [1847], 1954, p. 150-151). Sobre esse uso no século XX recorremos ao trabalho de Carricaburo (1997) que mostra que os estudos de Alfredo Torrejón e Félix Morales Pettorino demonstram que há no Chile dois tipos de relação com o voseo. Isso porque estes estudiosos classificam um voseo apenas verbal, em que o pronome “vos” não se apresenta e um “voseo autêntico”, caracterizado pela presença do pronome e das formas verbais relativas a ele. Para os autores o voseo autêntico é classificado pelos falantes cultos como expressões de gente de “cultura escassa”, enquanto o voseo apenas verbal era aceito como tratamento informal aceitável (apud CARRICABURRO, 1997, p. 32-33)²⁵.

Este breve resumo nos faz encontrar na caracterização dos enunciadores do exemplo uma ressonância desses sentidos, que inclusive expressaremos mediante uma relação causal: usam o “vos” porque são “maleducados”. Por outro lado, retomando as situações de uso, percebemos que

²⁴Cabe mencionar que, abordando algumas capas desse jornal em sua respectiva página virtual (www.lacuarta.cl) foi possível reconhecer marcas de apelo ao leitor mediante sensacionalismo.

²⁵Os trabalhos citados por Carricaburo são: TORREJÓN, A. “Fórmulas de tratamiento de segunda persona singular en el español de Chile”. *Hispania*. Nº 74, 1991; Do mesmo autor, “Acerca del voseo culto en Chile”. *Hispania*. Nº 69, 1986. E, por fim, PETTORINO, F. M. “El voseo en Chile”. *Boletín de Filología*. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 1972-3.

no exemplo há uma discussão em que estes enunciadores se dirigem a alguém designando-o como “vos”, numa atitude que poderíamos reconhecer como ofensiva. Percorrendo a nomenclatura do DUECh de algumas letras, especificamente do A ao C, procuramos entre os exemplos dos verbetes situações em que fosse feito o uso do pronome “vos” e encontramos apenas um caso, no verbe “colijunto”(adj/subst.): “Ni un pechoño y colijunto como vos”. Quanto à presença nos exemplos de um voseo verbal, que destacaremos com negrito, encontramos nesse mesmo recorte sete palavras. Em todo o conjunto havia duas consideradas de uso vulgar “conchesumadre” e “culeado”, cujos exemplos eram, respectivamente:

Después de la escena de maltrato **tú** tienes que decirme, dime solamente café, ca-fé. ¿Muy difícil, cuesta? Café para que me des esta huevá que **andái** trayendo en la mano por la *conchesumadre*.

Si además **tuvierai** un poquito de CI te **daríai** cuenta que tu empleador te está cagando con el cuento de los honorarios y demandarías por fresco y care raja (también es chileno el muy *culiado*)²⁶

Os demais verbetes a saber, “cachái”(marcador discursivo), “colgada”(ação de “colgarse”), “constru”(relativo a “construcción”), “crujir”(relativo a ser inteligente) e “cuarteada”(ação de “cuartear”) apresentavam a marcação de uso “espontâneo” cujos exemplos transcrevemos, respectivamente, a seguir:

No, para mí son los dos igual de enemigos, ¿**cachái**²⁷?

Agárrate uno de esos afiches [...] **camuflái** la *colgada* al cable como si **estuviérai** colocando propaganda electoral.

Para estos tipos sí, esta pega les conviene, porque en la *constru* **ganái** ciento ochenta lucas.

Si te **tomái** en serio lo que dijimos te **pasaríai** de agitada. Si nos **daí** la PRL por esta pendejada vas a confirmar que no te *cruje*.

En campamento[...] en las bañadas te **pegái** las medias *cuarteadas* o cuando se están vistiendo en las carpas las minas.

Retomando a estrutura do verbe que estamos analisando quanto ao que dizíamos sobre os dois tipos de voseo, é notória a ausência de uma explicação ou menção ao paradigma verbal relacionado ao uso de “vos” que apresenta características peculiares no Chile. Esse silenciamento faz com que o uso do pronome seja tomado como desconectado de qualquer impacto na sintaxe, como se não tivesse uma função tão significativa nesse âmbito, o que não se confirma pelos

²⁶Cabe mencionar que no primeiro exemplo há uma incidência de um voseo verbal acompanhado da forma pronominal “tú” o que se apresentaria no contexto chileno como um recurso uma vez que a forma “vos” aparece como interdita.

²⁷Esta palavra, importada do inglês “to catch” seria, como em sua origem, um verbo: “cachar”. Assim, a forma “cachái” já seria a conjugação voseante de tal verbo.

exemplos que encontramos nos verbetes de A a C e sequer no exemplo dado para a definição de “vos”, no qual aparece a forma “querís” para o verbo “querer”, uma conjugação voseante.

Outra forma de silêncio que encontramos na definição de “vos” e que se faz visível no exemplo se refere à pronúncia desta palavra. Como vimos, na contextualização o pronome aparece como “voh”. Interpretamos esta forma como uma representação da pronúncia aspirada das sibilantes em final de sílaba característica da fala chilena. Entretanto, na ausência de tal explicação cria-se um efeito de indiscriminação entre as duas formas, como se fosse evidente que uma é apenas representação da outra ou como se fossem equivalentes.

Em suma notamos nesse caso o peso de sentidos muito fortes na constituição da memória discursiva sobre a forma de tratamento voseante e especificamente sobre o uso de “vos” nessa forma de tratamento, como já havíamos adiantado em uma nota. De acordo com nossa análise, este dicionário estigmatiza o uso do pronome (e da forma de tratamento) como uma forma que carrega a marca do “despectivo”. Por outro lado, ao não marcar “vos” como intrinsecamente ofensivo se dá um deslocamento com relação a esses discursos, de modo que poderíamos dizer que no DUECh há uma busca para se filiar a outras discursividades. Porém, na definição analisada prima o peso do jogo de contradições detectadas no encerramento do item 4.2, isto é, este dicionário “registra” para “legitimar” e não para “autorizar”. Esse registro, entretanto, é feito com a retomada da representação que circula no senso comum, ou na memória representada que o chileno tem de sua língua. Este registro não se distancia dessa memória, não traz o histórico e, portanto, nessa retomada volta a interditar esta forma e seria preciso ainda dizer que com tomar partido apenas de uma carga disfórica sobre este pronome, não registra um aspecto importante sobre o essa forma de tratamento: o uso do “vos” entre os jovens (cf. CARRICABURO, 1997).

6. Considerações finais

A partir de nossa análise do prólogo e de um pequeno recorte da nomenclatura do DUECh pudemos perceber que há neste instrumento um movimento que caracteriza um embate: de um lado um processo de legitimação de particularidades da língua falada no Chile; de outro a permanência do lema “unir por la palabra” que configura uma visão de que há um “centro comum” que é preciso manter e apenas complementar com o que é próprio. Um movimento que implica o funcionamento de uma contradição que filiamos à desigualdade constitutiva do campo acadêmico no qual a “Academia Chilena de la Lengua” se insere. Podemos dizer que há uma visão de colonizado que permanece no imaginário do sujeito lexicógrafo e que produz a necessidade de registrar aquilo que reconhece como algo independente da metrópole. Ressaltamos a metrópole porque, como vimos, as fronteiras delimitadas neste dicionário não fazem referência direta a outros países que não Espanha. Há um apagamento dessas demais vozes que também não são chilenas.

Entretanto, para a constituição de uma memória dessa “língua chilena”, processo em que se inscreve a produção de dicionários, o DUECh surge como um expoente significativo. Nele é registrado – a partir de uma perspectiva “nova”, segundo seus produtores – um recorte da língua que não figura na imagem que normalmente os falantes têm de sua língua. Com isso queremos dizer que há nesse gesto de registro a descrição do que é “periférico”, sua legitimação como língua em que os chilenos devem reconhecer “seu modo de ser com outros”, devem se identificar. Interfere, assim, na memória representada dessa língua.

Este movimento sinuoso de inovar e permanecer também se apresenta na definição que tomamos como objeto de análise. Há uma ruptura com o discurso que apaga o uso de “vos”, que o tacha como impróprio, mas essa memória emerge em outras camadas da definição. Podemos interpretá-lo como sintomático de um processo que está em curso e que é atravessado pela força de diversos dizeres. “Esse movimento sinuoso” poderia ser formulado teoricamente e, com base nas reflexões de Indursky (2008), podemos dizer que com a filiação ao “novo” na qual se inscreve o DUECh se dá um *acontecimento enunciativo* dentro de uma mesma formação discursiva (mais fortemente vinculada à colonização que à descolonização linguística²⁸), que desloca uma posição sujeito mas não consegue ser um deslizamento capaz de instalar novos sentidos passíveis de ruir as séries instaladas numa memória discursiva sobre o “vos”.

Sabemos que o trabalho que apresentamos é apenas uma aproximação a uma análise discursiva deste dicionário. Apesar disso, as considerações que aqui registramos, bem como tudo aquilo que nos deu base para que chegássemos a elas, nos estimulam a seguir pensando neste ou em outros dicionários como um objeto para estudos posteriores.

²⁸Pensamos essa formação discursiva no processo de formação de um Estado nacional, no caso o chileno, fortemente vinculado a um processo de (des)colonização linguística. (cf. ORLANDI, 2002)

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- ÁVILA, R. “¿El fin de los diccionarios diferenciales? ¿El principio de los diccionarios integrales?”. Conferência apresentada em *Lingüística*. La habana, 2003.
- CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en español*. Madri: Arco Libros, 1997.
- DINIZ, L. R. A. Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000440351>
- FAJARDO, S. L. “Ideas lingüísticas en prólogos de diccionarios diferenciales del español de Chile – etapa 1875-1928”. In: *Boletín de Filología*, Número 2, V. XLV, 2010: 49-69.
- GUIMARÃES, E. “Interdiscurso, textualidade e argumentação”. In: *Signo & Seña*, 9, 427-36, 1998.
- _____. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. (Trad. por Eni Pulcinelli Orlandi com a colaboração de Freda Indursky e Marise Manoel.) São Paulo: Hucitec, 1992. (Original em francês: *Faire dire, vouloir dire*. Presses Universitaires de Lille, 1984.)
- INDURSKY, F. *A fala ds quartéis e outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- INDURSKY, Freda. “Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso”. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.(Orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias; Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.
- LARA, L. F. “El discurso del diccionario”, In: *Lexicographica - Estudios de lexicografía y Metalexicografía del español actual*. Série Maior, 1992.
- NUNES, J.H. *Dicionários do Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes – Saõ Paulo: Fapesp – São José do Rio Preto: Faperp, 2006.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso – Princípios e Procedimentos*. 9ed. Campinas: Pontes, 2010.
- _____. *Língua e Conhecimento Linguístico: Para uma História das Idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PAYER, M.O. *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006.
- PECHÊUX, M. “Análise automática do Discurso”. In: GADET, F. & HAK, T (orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- _____. *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. 5ed. Campinas: Pontes, 2008.
- _____. “Remontons de Foucault à Spinoza.” In: MALDIDIER, D. *L’inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990, p. 245-260.

_____. Semântica e discurso. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

PETRI, V.F. *et alli Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: UFSM, PPGL Editores, 2010.

SOUTO, M. C. & PASCUAL, J.I.P, “El diccionario y otros productos lexicográficos”. In: GUERRA, A. M.M.(org). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003

ZIMMERMANN, K. “ El fin de los diccionarios de mexicanismos, colombianismos, argentinismos, cubanismos etc. La situación de la lexicografía del español de América después de la publicación de los Diccionarios contrastivos del español de América: Español de América - Español de España, dirigidos por Günther Haensch y Reinhold Werner Madrid: Gredos 2000”. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, nº1, 2003, p. 71-83.

Referências relativas ao corpus mobilizado

ACADEMIA CHILENA DE LA LENGUA. *Diccionario del habla chilena*. Santiago: Editorial universitaria, 1978.

_____. *Diccionario de uso del español de Chile*. Santiago: MN Editorial, 2010.

_____. “Reglamento”, 1999. <http://www.institutodechile.cl/lengua/reglamento.htm> . Acesso em 20/02/2012.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 22 ed. <http://buscon.rae.es/draeI/> . Acesso em 20/01/2012.

_____. “Breve historia”. <http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/voTodosporId/CEDF300E8D943D3FC12571360037CC94?OpenDocument&i=0>. Acesso em 20/02/2012

SECO, M. *et al. Diccionario del español actual*. Madrid: Aguilar, 1999.

Anexos

Anexo I: Prólogo do Dicionário de Uso del Español de Chile

PRÓLOGO

El Diccionario de uso del español de Chile (DUECh)

Antecedentes

La Academia Chilena de la Lengua tiene como lema “Unir por la palabra”. Este es su propósito, esa su vocación. Responde a un anhelo de unidad para los quinientos millones que hablamos español en el mundo: férrea unidad, que es férreo afán de solidaridad, de cohesión, de respeto y amor por el otro, a través de la entrañable palabra que mamamos de nuestras madres. “¡Bendita mi lengua sea!”, exclamaba Gabriela Mistral.

Los diccionarios constituyen verdaderos laboratorios y talleres de lenguaje, evangelios del comunicar, “buenas nuevas” sobre el funcionamiento real, cotidiano de nuestras maneras de ser con otros y que nos hacen tomar conciencia de la responsabilidad que nos urge, como seres históricos, a conocer y dominar nuestros modos de decir.

En 1978 veía la luz el *Diccionario del habla chilena*, obra corporativa de la Academia Chilena de la Lengua, la primera, de esta índole, de una academia hispanoamericana. En poco tiempo, este repertorio lexicográfico desaparecía de las librerías, agotándose su existencia. Esto habla, naturalmente, del verdadero interés social, educativo y práctico que reviste este tipo de publicaciones y de la real necesidad que sienten los hablantes responsables de su ser cultural, manifestados en las conductas idiomáticas. Desde entonces, han sido muchas las demandas que la corporación chilena ha recibido de los medios de comunicación, de universidades, colegios, embajadas, editoriales y organismos estatales, entre otros, para que se publicara una segunda edición.

No obstante, el tiempo no ha transcurrido en vano. El diccionario de 1978 ha quedado ya como una muestra de lo que fue la lexicografía del pasado, con todas sus fragilidades y —por qué no decirlo— sus prevaricaciones. Nuevas concepciones, nuevos procedimientos y metodologías se han desarrollado, de modo veloz, en las últimas

5.....

décadas. La lexicografía y la metalexigrafía hispánicas, académicas y no académicas, se redefinen de acuerdo con los avances tecnológicos, computacionales y, sobre todo, con los desarrollos de las ciencias del lenguaje, y dentro de los nuevos contextos de la lengua española. La Academia Chilena, en consecuencia, no ha querido reeditar su trabajo de hace más de seis lustros, sino proyectar, más bien, un nuevo repertorio lexicográfico de concepción y alcances diferentes.

Es así como, en 1997, gracias al auspicio y permanente asistencia del Departamento de Extensión Cultural de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, se iniciaron los trabajos preparatorios del *Diccionario de uso del español de Chile (DUECh)*. El año 2001 se publicó el primer fruto de las labores de planificación, titulado *Diccionario de uso del español de Chile. Una muestra lexicográfica*. En este avance se entregaba una selección de 1000 lexías univerbales, con lo que se pretendía, entre otras cosas, dar cuenta de “los pilares de lo que será la nomenclatura del futuro *DUECh*”. Tras esta publicación, el proyecto fue revitalizado el año 2006 gracias al interés en publicar la obra manifestado por MN Editorial, sin cuyo apoyo financiero sustancial no habría podido llevarse a cabo. Vayan para ella nuestros más hondos agradecimientos. Asimismo constituye grato deber manifestar el reconocimiento de la Academia Chilena de la Lengua por el importante respaldo brindado por el Consejo Nacional de la Cultura y las Artes y por la Asociación de Academias de la Lengua Española. Gracias al privilegiado auspicio de estos valedores, el proyecto se puso en marcha nuevamente y la Academia Chilena acordó integrar, entre sus obras conmemorativas del Bicentenario de la Independencia de Chile, este repertorio léxico.

Las páginas que el lector tiene entre sus manos no constituyen, de ningún modo, un producto final. El *Diccionario de uso del español de Chile (DUECh)*, de acuerdo con las actuales orientaciones de la lexicografía, está concebido como una obra modular, que va incrementando paulatinamente su repertorio. El *DUECh*, por tanto, no concluye con este volumen, sino que, por el contrario, empieza su andadura, inicia sus tareas que tienen como propósito establecer un gran fondo lexicológico diferencial del español de Chile, que hacer que, como es lógico, no tiene término, toda vez que las lenguas vivas no se detienen en su cambio. Por otra parte, los diccionarios son,

por antonomasia, obras perfectibles: en su elaboración deben, idealmente, participar los creadores de los hechos que recoge, los propios hablantes. La Academia Chilena agradece, por tanto, cualquier observación que permita enriquecer el caudal léxico de su diccionario, afinar sus criterios y mejorar su calidad. En esta materia, los profesores son agentes importantísimos a la hora de ajustar los diccionarios a la realidad. Ellos viven, día a día, los procesos de activación de estas obras por los estudiantes, la satisfacción de sus curiosidades, aunque también la decepción de la búsqueda frustrada, infructuosa. Y este es un imperativo de la lexicografía actual: los verdaderos autores tienen que ser sus destinatarios. Sirva esto de llamado a que colaboren, desde ahora, en el perfeccionamiento de estos códigos, en su puesta al día, su limpieza y el acrecentamiento de sus contenidos.

Características

El *Diccionario de uso del español de Chile* es un repertorio monolingüe y semasiológico, es decir, proporciona información sobre el significado de los términos.

Su principal característica, como señala su título, es que se trata de un **DICCIONARIO DE USO**. Esto significa, en primer lugar, que **incluye unidades léxicas vigentes en el español actual de Chile**. Para comprobar la vigencia actual de las unidades léxicas, se ha examinado un corpus de textos auténticos producidos entre el año 1950 y la fecha actual. De estos textos se han extraído **ejemplos de uso**, que acompañan a las definiciones. El corpus incluye mayoritariamente textos de prensa (publicados tanto en papel como en formato digital), obras representativas de la literatura chilena (narrativa, teatro y poesía), guiones cinematográficos, discursos radiales, televisivos, y una apreciable cantidad de textos procedentes de medios electrónicos, tales como *blogs* y foros. En segundo lugar, al tratarse de un diccionario de uso, el *DUECh* no tiene carácter normativo, es decir, no emite juicios de valor ni prescripciones acerca del léxico (del tipo “esta palabra está mal usada”). Este repertorio lexicográfico constituye un **diccionario descriptivo**, que se propone reflejar el uso corriente, socialmente estabilizado, de las unidades léxicas del español de nuestro país.

Su segunda característica lo define como un **DICCIONARIO DIFERENCIAL** del español de Chile. Las unidades contenidas en esta obra se emplean en este territorio, aunque no necesariamente de modo exclusivo, y no pertenecen al español general. Esto significa que se recogen palabras como *guata*, *lesear*, *altiro* o *fome*, pero no *casa*, *dormir*, *rápidamente* o *azul*. Para verificar esta diferencialidad dialectal se ha empleado una batería de contrastividad constituida por un conjunto de diccionarios que contienen léxico general (como el *Diccionario del español actual* de Manuel Seco *et alii* y el *Diccionario de la lengua española* de la Real Academia Española), corpus electrónicos (como el *Corpus de referencia del español actual* de la Real Academia Española), buscadores (como *Google*) y encuestas aplicadas a informantes. Los resultados de la aplicación de la batería de test han sido evaluados críticamente por los académicos que integran la Comisión de Lexicografía. Este procedimiento se ha aplicado rigurosamente a cada una de las unidades léxicas y para cada una de sus acepciones. No obstante, el lector podría, eventualmente, encontrar en el *DUECh* entradas léxicas del español general. El método empleado para establecer la diferencialidad dialectal no permite siempre obtener resultados irrefutables: es posible que los diccionarios consultados no recojan algún uso de incorporación reciente al léxico hispánico (como suele suceder con los neologismos y los extranjerismos), o que los corpus examinados carezcan de ejemplos para estos usos (ya que ningún corpus es representativo de la totalidad de los hechos idiomáticos de una comunidad). Por otra parte, también puede ocurrir que, de hallarse que un uso léxico pertenezca también al español general, sus circunstancias de empleo sean distintas. Diferencias de registro y de frecuencia de uso, entre otras, han sido consideradas durante la aplicación de la batería de contrastividad.

Conviene hacer un par de aclaraciones respecto de las características mencionadas. Resulta importante señalar que el que estas palabras no pertenezcan al español general no resta legitimidad a su empleo entre los hablantes chilenos. Así, a diferencia de los diccionarios de “chilenismos” del s. XIX y comienzos del s. XX, el *DUECh* se limita a dejar constancia de la presencia de estas voces diferenciales en el léxico nacional, indicando sus circunstancias de uso (sociales, estilísticas y pragmáticas).

Asimismo, debe tenerse en cuenta que el carácter diferencial de la obra impone algunas restricciones respecto de la representación de diversos ámbitos temáticos, así como de los registros lingüísticos. No existen, para el español de Chile, estudios que den cuenta cabal de en cuáles dominios conceptuales se da con mayor frecuencia la diferencialidad léxica. Un cotejo con otros diccionarios diferenciales hispanoamericanos muestra que existen dominios que suelen estar mucho más densamente representados en este tipo de obras. Entre ellos, las comidas, la vestimenta, el sexo y las relaciones de pareja en general, las funciones escatológicas, los juegos, las unidades monetarias, los gentilicios, la flora y la fauna. Por otra parte, las palabras pertenecientes a estos dominios suelen emplearse en el registro coloquial, es decir, en situaciones de confianza, entre amigos o familiares. Más aún, pueden encontrarse, entre ellas, unidades de carácter vulgar o tabuizado.

La normatividad, propia de las obras académicas, es cuestión compleja que actualmente se encuentra redefinida y que tiene su fundamento en el viejo adagio horaciano: “el uso es más poderoso que los césares”. En los diccionarios de uso se refleja el *realismo platónico* de “decir las cosas como son”. Estos textos sólo describen, no autorizan. El hecho de que una palabra haya sido registrada no significa su legitimización (su empleo indiscriminado): es el uso real, que debe quedar fielmente representado en el diccionario (en su comportamiento gramatical y sus circunstancias cronológicas, geográficas, sociales y estilísticas), el que se autoriza a sí mismo.

9
.....

Finalidad y destinatario

El *DUECh* se concibe principalmente como una **herramienta de consulta para comprender textos escritos y orales**. Puede ser usado, por ejemplo, como referencia o ayuda en la lectura de la prensa chilena o de las obras literarias, históricas y científicas fundamentales de la cultura nacional. Podrán aprovechar su contenido los interesados en el acervo léxico y cultural del país, los estudiantes (especialmente de educación media y superior), los periodistas y una amplia gama de profesionales de la

lengua (traductores, profesores de lenguaje e investigadores de las ciencias del lenguaje, entre otros), así como los alumnos de español como lengua extranjera, particularmente interesados en la variedad lingüística chilena.

El *DUECh* informa principalmente a los usuarios sobre el significado de las palabras que contiene como entradas. Al consultarlo, los usuarios pueden, además, encontrar información gramatical, indicaciones de estilo y de valoración positiva o negativa que implica su emisión, numerosas observaciones de pronunciación y ortografía, y lengua de procedencia, entre otros tipos de información, todo lo cual implica un mejor comportamiento idiomático a la hora de producir textos en lengua materna.

Ha sido fundamental, para el diseño técnico de este diccionario, el perfil del destinatario mencionado. Ha influido, por ejemplo, en el tratamiento de las remisiones, la lematización de unidades pluriverbales y la distinción lexicográfica entre polisemia y homonimia (para mayores detalles sobre estos procedimientos, véase el apartado 2 de las *Instrucciones de uso*). Antes de la adopción de decisiones definitivas, se realizaron prospecciones empíricas con usuarios reales y se consideraron los comentarios de un grupo representativo de informantes chilenos que actuaron como “filtro” lexicográfico.

Pero, cuidado, que —como decía el gran lexicógrafo inglés Samuel Johnson (1709-1784)—: “Los diccionarios son como los relojes: el peor es mejor que ninguno, pero del mejor no se puede esperar que sea del todo preciso”. Y esto, por la naturaleza misma del lenguaje humano, actividad creadora, en perpetuo movimiento, dinámica, cambiante. Realidad también variable, voluble y veleidosa, como el ser humano y como la luna. *Fortuna variabilis*. “Oh fortuna, como la luna, ¡cuán variable!, tanto creces como decreces”, cantan los *Carmina Burana*. Apenas se publica, el diccionario empieza a envejecer, se le ha corrido el piso. Por eso es que no existen diccionarios de uso para toda la vida; por eso es que —como los relojes— hay que ponerlos a la hora, ajustarlos, cada cierto tiempo, a los minutos de la lengua nuestra. ¡Sigue siendo esta una invitación para todos!

Alfredo Matus Olivier

Anexo II: Emblema da Real Academia Española

